

COMPLICAÇÕES DE FOOT ROT EM OVINOS

PEREIRA, Anai Aveiro¹
JARDIM, Dienifer Jardim¹
FARIAS, Raiana Silva¹
ROBAINA, Raquel Gonçalves¹
LEMONS, Felipe Machado²
ROSA, Loreane da Rosa²
BIANCHI, Eloisa²
SIMÕES, Michele Scholant²

RESUMO: O estudo sobre o "foot rot" em ovinos teve como objetivo identificar estratégias de manejo eficientes para prevenção e controle da doença, visando melhorar o bem-estar animal e a produtividade do rebanho. A metodologia incluiu revisão de literatura científica e análise de práticas utilizadas em sistemas de produção. Os dados foram coletados de um ovino macho, 4 dentes da raça Ideal por meio de observações, exames clínicos e tratamento no Hospital Veterinário São Francisco da Faculdade IDEAU em Bagé/RS.

Os principais resultados mostraram que a higiene adequada, uso de pedilúvios foi eficaz na redução da incidência da doença. O isolamento de animais infectados e o tratamento com antibióticos também demonstraram resultados positivos no controle de surtos. Além disso, fatores ambientais como umidade foram identificados como determinantes cruciais na ocorrência do "foot rot".

Palavras-chave: Podridão interdigital; Ovinos; Manejo preventivo

ABSTRACT: The study on "foot rot" in sheep aimed to identify efficient management strategies for the prevention and control of the disease, seeking to improve animal welfare and herd productivity. The methodology included a review of scientific literature and analysis of practices used in production systems. Data were collected from a four-tooth male Ideal breed sheep through observations, clinical examinations, and treatment at the São Francisco Veterinary Hospital of IDEAU College in Bagé/RS.

The main results showed that proper hygiene and the use of footbaths were effective in reducing the incidence of the disease. The isolation of infected animals and antibiotic treatment also demonstrated positive results in controlling outbreaks. Additionally, environmental factors such as humidity were identified as crucial determinants in the occurrence of "foot rot."

Keywords: Interdigital rot; Sheep; Preventive management.

1- INTRODUÇÃO

A espécie ovina está entre as primeiras a ser domesticada por homens, devido à sua capacidade de produzir alimentos como carne e leite, e pela sua lã servir como proteção contra o frio. Desde então houve uma propagação da espécie por muitos países do mundo, em virtude da existência de diversas raças que se adaptaram aos diferentes climas, relevos e vegetações particulares de cada região, garantindo assim uma maior produtividade.

Os maiores rebanhos ovinos estão distribuídos pelos países pertencentes à Ásia, África e Oceania. A China se destaca como sendo o país com maior número de animais, seguido da Austrália, Índia, Irã, Sudão e Nova Zelândia (VIANA, 2008).

Em 2023, o Brasil tinha 21.792.139 ovinos, segundo a Pesquisa Pecuária Municipal (PPM) do IBGE. A Bahia foi o estado com maior rebanho, com 5.005.629 ovinos. O Rio Grande do Sul, por sua vez, destaca-se como o maior produtor de lã do país, com a maioria dos ovinos tosquiados (2.633.973).

A pododermatite infecciosa é conhecida também como pododermatite contagiosa, pietin, foot-rot, podridão dos cascos, manqueira ou peeira, enfermidade que pode causar grandes prejuízos aos rebanhos de ovinos, principalmente nos períodos de alta umidade e calor, quando há uma maior incidência. O animal tende a perder peso, em virtude da dificuldade de pastejo, pois permanece muito tempo em decúbito, além do prejuízo reprodutivo promovido pela dificuldade de cópula nos reprodutores muito afetados (OLIVEIRA, 1999).

Essa afecção dos cascos é uma das principais causas de claudicação em pequenos ruminantes e é decorrente da associação entre dois agentes bacterianos gram negativos anaeróbios, *Dichelobacter nodosus* e *Fusobacterium necrophorum*. A ação conjunta dos dois agentes irá produzir a característica “podridão” das unhas (QUINTAS et al., 2012).

2-DESENVOLVIMENTO

A pododermatite infecciosa ovina (PIO), conhecida como foot-rot ou podridão dos cascos, é uma doença altamente contagiosa que afeta o espaço interdigital e o tecido do casco, causando claudicação severa e perdas econômicas. É causada pela ação sinérgica das bactérias *Fusobacterium necrophorum* e *Dichelobacter nodosus*. *D. nodosus* é o parasita obrigatório responsável pela transmissão. A infecção é facilitada por fatores predisponentes como alta umidade, calor e lesões nos cascos. A doença apresenta duas formas: a benigna, com lesões superficiais e regressão em clima seco, e a virulenta, que causa descolamento e destruição da parte dura do casco. O sinal clínico mais comum é a claudicação, que pode levar os animais a dificuldade de locomoção, perda de peso e morte em casos graves. Outros sinais incluem cheiro pútrido e descolamento do casco. O diagnóstico é baseado nos sinais clínicos típicos, especialmente durante épocas úmidas e quentes. O controle e a erradicação da PIO dependem de manejo sanitário eficaz, incluindo casqueamento, pedilúvios e tratamento adequado.

2.1 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1.1 Características da raça Ideal:

A raça Ideal, também conhecida como Polwarth em alguns contextos, é uma raça de ovinos desenvolvida na Austrália e amplamente criada no Brasil, especialmente no Rio Grande do Sul, para produção de lã fina e carne. Resulta do cruzamento entre Merino (75%) e Lincoln (25%), combinando a qualidade da lã merina com maior rusticidade. A raça é adaptada a climas temperados, mas sua suscetibilidade a doenças podais, como o foot rot, é influenciada por características genéticas e condições de manejo (FONSECA & MACHADO, 2015).

Características podais:

Geralmente apresenta cascos brancos ou claros, com queratina menos densa em comparação com raças de cascos pretos (ex.: Santa Inês). Cascos brancos são mais porosos e suscetíveis à penetração de bactérias, especialmente em ambientes úmidos (BENNETT et al., 2009).

Ambiente típico:

No Brasil, a raça Ideal é criada em regiões úmidas do Sul, como pastagens irrigadas, que favorecem a proliferação de *Dichelobacter nodosus* e *Fusobacterium necrophorum* (TURINO, 2006).

Suscetibilidade da Raça Ideal ao Foot Rot:

A raça Ideal apresenta maior suscetibilidade ao foot rot em comparação com raças britânicas (ex.: Romney Marsh, Dorset Horn) ou tropicais (ex.: Santa Inês), devido à sua ascendência Merino. Estudos indicam que ovinos Merino e seus derivados, como a raça Ideal, são mais propensos a desenvolver lesões graves de foot rot em condições de alta umidade, com taxas de morbidade que podem atingir 70% em rebanhos suscetíveis (EMERY et al., 1984; GREEN & GEORGE, 2008).

Fatores genéticos:

A suscetibilidade está associada à menor densidade da queratina nos cascos e à predisposição a lesões interdigitais, que facilitam a entrada de *Dichelobacter nodosus*. A herdabilidade do foot rot é estimada entre 0,1 e 0,3, sugerindo que a seleção genética pode reduzir a incidência em rebanhos Ideal (NEARY, 2019).

Interação bacteriana:

Dichelobacter nodosus inicia a infecção degradando a queratina com proteases, criando um ambiente anaeróbico que favorece o *Fusobacterium necrophorum*. Esta última intensifica a necrose com leucotoxinas, resultando em lesões extensas e separação do casco, especialmente em ovinos Ideal com cascos claros (ZHOU et al., 2010).

Condições ambientais:

Regiões úmidas, como o Sul do Brasil, aumentam a prevalência, pois *Dichelobacter nodosus* sobrevive no solo por até 14 dias em condições úmidas, enquanto *Fusobacterium necrophorum* é ubíqua em ambientes com matéria orgânica (WHITTINGTON & MARSHALL, 2010).

2.1.2 Anatomia do Casco do Ovino

O casco do ovino é uma estrutura complexa que suporta o peso do animal, protege os tecidos internos e facilita a locomoção. Ele é composto por tecidos queratinizados e não queratinizados, derivados da epiderme, e está intimamente associado a estruturas ósseas, articulares e vasculares. A anatomia do casco pode ser dividida em:

Parede do casco: Formada por queratina dura, é a porção externa visível, dividida em regiões como muralha (lateral), talão (posterior) e sola (inferior). A parede cresce continuamente (cerca de 5-6 mm/mês) e é renovada por casqueamento natural ou artificial (FONSECA & MACHADO, 2015).

Sola: Superfície plantar do casco, composta por queratina mais macia, que protege os tecidos internos e auxilia na absorção de impacto (DYCE et al., 2010).

Linha branca: Zona de transição entre a parede e a sola, composta por tecido queratinizado menos denso, suscetível a infecções como o foot rot (FONSECA & MACHADO, 2015).

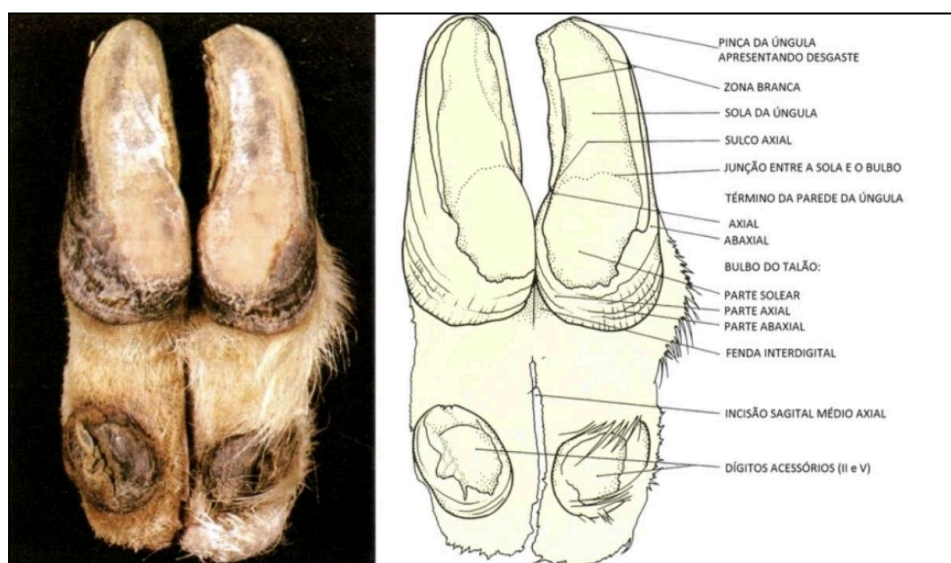
Almofada digital: Tecido elástico e gorduroso na região posterior do casco, que amortece o impacto durante a locomoção (DYCE et al., 2010).

Estruturas internas: Incluem o osso pedal (terceira falange), osso navicular, ligamentos, tendões (ex.: tendão flexor digital profundo) e vasos sanguíneos. O osso pedal é envolto pela derme córion, que nutre a queratina do casco (SISSON & GROSSMAN, 2012).

Espaço interdigital: Área entre os dígitos, composta por pele sensível, suscetível a lesões e infecções, como dermatite interdigital ou foot rot (FONSECA & MACHADO, 2015).

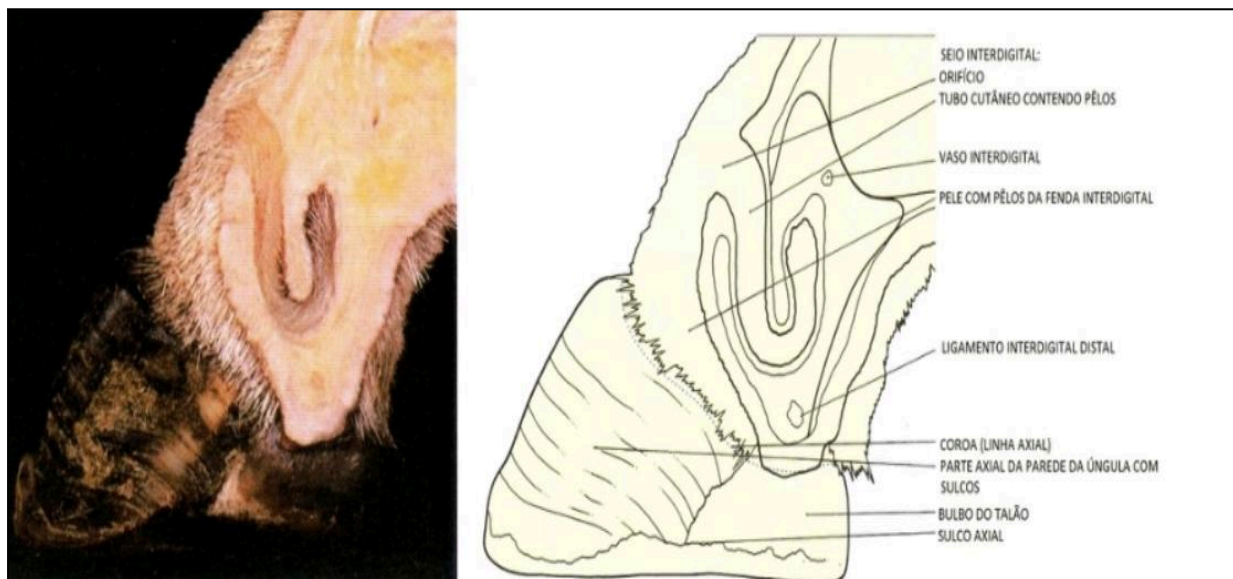
A vascularização é abundante, com redes capilares na derme córion, garantindo nutrição e reparo tecidual. A inervação é fornecida por ramos dos nervos digitais, tornando o casco sensível à dor em casos de inflamação ou trauma (DYCE et al., 2010).

Figura 1- Superfície solear das úngulas do pé direito de uma ovelha.



Fonte: ASHDOWN & DONE, 2011.

Figura 2- Região interdigital do pé direito de uma ovelha, em corte sagital.



Fonte: ASHDOWN & DONE, 2011.

2.1.3 Diferenças entre Cascos Brancos e Pretos

A coloração do casco dos ovinos, que pode variar entre branco (ou claro) e preto (ou escuro), é determinada pela pigmentação da queratina, influenciada por fatores genéticos e raciais. Essas diferenças não se limitam à estética, mas também afetam características funcionais e a predisposição a doenças podais. As principais diferenças incluem: Composição e pigmentação: Cascos brancos: Possuem menor concentração de melanina, resultando em uma coloração clara (amarelada ou branca). A queratina é geralmente mais macia e menos densa, o que pode facilitar a penetração de agentes infecciosos, como *Dichelobacter nodosus* (GREEN & GEORGE, 2008).

Composição e pigmentação:

Cascos pretos: Contêm maior quantidade de melanina, conferindo uma coloração escura e uma queratina mais densa e resistente. A maior densidade pode oferecer proteção adicional contra traumas mecânicos e infecções (BENNETT et al., 2009).

Cascos brancos: Tendem a ser mais suscetíveis a desgaste, rachaduras e lesões, especialmente em solos úmidos ou pedregosos. Estudos indicam maior incidência de foot rot em ovinos com cascos brancos devido à menor resistência da queratina (CONINGTON et al., 2010).

Resistência dos cascos:

Cascos pretos: São mais resistentes a abrasão e fissuras, o que reduz a entrada de patógenos. A maior dureza da queratina pode diminuir a prevalência de pododermatite infecciosa, embora não a elimine completamente (BENNETT et al., 2009).

A maior densidade da queratina e a presença de melanina podem atuar como barreiras físicas e químicas, reduzindo a incidência de infecções. No entanto, cascos pretos mal manejados ainda podem desenvolver lesões graves se expostos a condições adversas (CONINGTON et al., 2010).

Cascos brancos: A textura mais porosa e a menor pigmentação tornam-nos mais vulneráveis a infecções bacterianas, como foot rot, e a lesões traumáticas. A umidade penetra mais facilmente, criando condições favoráveis para patógenos (GREEN & GEORGE, 2008).

Aspectos genéticos e de manejo:

A coloração do casco é um traço herdável, com algumas raças (ex.: Merino) apresentando predominância de cascos brancos e outras (ex.: Santa Inês) exibindo cascos pretos ou mistos. O manejo, como casqueamento regular e controle de umidade, é mais crítico em ovinos com cascos brancos para prevenir doenças (FONSECA & MACHADO, 2015).

Implicações Clínicas

A escolha de animais com cascos pretos pode ser vantajosa em regiões úmidas ou com alta prevalência de foot rot, devido à maior resistência natural. No entanto, o manejo adequado (casqueamento, pedilúvios e instalações secas) é essencial para ambos os tipos de cascos, minimizando diferenças na incidência de doenças. A seleção genética para cascos mais resistentes, independentemente da cor, é uma estratégia promissora para melhorar a saúde podal (CONINGTON et al., 2010).

2.1.4 Etiologia e Patogenia:

O *Dichelobacter nodosus* é uma bactéria anaeróbica gram-negativa que infecta a epiderme interdigital e a matriz do casco, levando à necrose e inflamação. A presença de *Fusobacterium necrophorum* contribui para a formação de lesões necróticas e odor fétido característico. A transmissão ocorre por contato direto com animais infectados ou por meio de ambientes

contaminados, especialmente em solos úmidos. A severidade das lesões varia de leve (estágio I) a grave (estágio III), com separação do casco em casos avançados (BENNETT.et.al., 2009).

2.1.5 Diagnóstico:

O diagnóstico é baseado em sinais clínicos, como claudicação, inflamação interdigital, odor fétido e lesões necróticas no casco. A confirmação pode ser feita por cultura bacteriana ou PCR para identificar *Dichelobacter nodosus*. É essencial diferenciar foot rot de outras afecções podais, como abscessos ou dermatite interdigital (VERÍSSIMO, 2009).

2.1.6 Tratamento:

O tratamento do foot rot combina medidas terapêuticas e profiláticas, visando a eliminação da infecção, alívio da dor e prevenção de novos casos. As principais estratégias incluem: Casqueamento corretivo: Remoção de tecido necrótico e excesso de casco para expor áreas infectadas e facilitar a aplicação de tratamentos tópicos. Deve ser realizado por profissionais treinados para evitar lesões adicionais (TURINO, 2006).

Pedilúvio:

Uso de soluções antissépticas, como sulfato de cobre (5%) ou sulfato de zinco (10%), em banhos de imersão dos cascos. O pedilúvio é eficaz tanto no tratamento quanto na prevenção, especialmente em épocas chuvosas (JORGE NETO, 2009).

Antibioticoterapia:

Em casos moderados a graves, antibióticos parenterais, como florfenicol (20 mg/kg) ou oxitetraciclina (20 mg/kg), são recomendados. A associação com pedilúvio aumenta a eficácia para até 90% (TURINO, 2006).

Terapias tópicas:

Aplicação de soluções com sulfato de cobre ou zinco diretamente nas lesões, após casqueamento, para promover a cicatrização (JORGE NETO, 2009).

2.1.7 Prevenção e Controle:

A prevenção envolve manejo adequado, como manter instalações secas, realizar casqueamento de rotina (mínimo duas vezes ao ano) e descartar animais com lesões crônicas, que podem atuar como reservatórios da bactéria. O uso de pedilúvios preventivos em períodos úmidos e a quarentena de novos animais no rebanho são medidas eficazes (BENNETT et al., 2009; CONINGTON et al., 2010).

Vacinação:

Vacinas específicas contra *Dichelobacter nodosus* (ex.:footvac) podem ser usadas como medida preventiva, com eficácia variando de 30% a 60%, dependendo do manejo e da cepa bacteriana (VERÍSSIMO, 2009).

2.1.8 Impactos econômicos e bem-estar animal:

O foot rot gera prejuízos econômicos devido à redução na produção de lã, leite e carne, além de infertilidade temporária em reprodutores e custos com tratamentos. A claudicação compromete o bem-estar, dificultando a locomoção e alimentação, o que pode levar à perda de peso e maior suscetibilidade a outras doenças (TURINO, 2006; VERÍSSIMO, 2009).

2.2 MATERIAIS E MÉTODOS

Foi realizado o acompanhamento clínico de um ovino da raça Ideal, 4 dentes, identificado pela tatuagem 286, com quadro de foot hot, atendido no Hospital Veterinário São Francisco da Faculdade IDEAU, em Bagé/RS. Na avaliação inicial os parâmetros clínicos estavam normais, porém foi diagnosticada uma miíase e abscesso interdigital no casco, conforme evidenciado na figura 1. Para melhor identificação do agente causador, foi feita cultura e antibiograma, que revelou uma bactéria catalase negativa e não hemolítica. Iniciou-se tratamento com penicilina (20.000 UI/kg) por 5 dias, anti-inflamatório (dexametasona 10 mg) por 3 dias, além de limpeza local com iodo e gaze, mantendo a ferida fechada (figura 2 e 3). O animal apresentou recidiva com inchaço e claudicação. Após drenagem da ferida, foi instituído novo protocolo com antibiótico enrofloxacino (2,5 mg/kg por 5 dias), mais dexametasona (10 mg por 3 dias) e pedilúvio com permanganato de potássio por 10 dias (figura 4).

figura 1: casco com miíase.



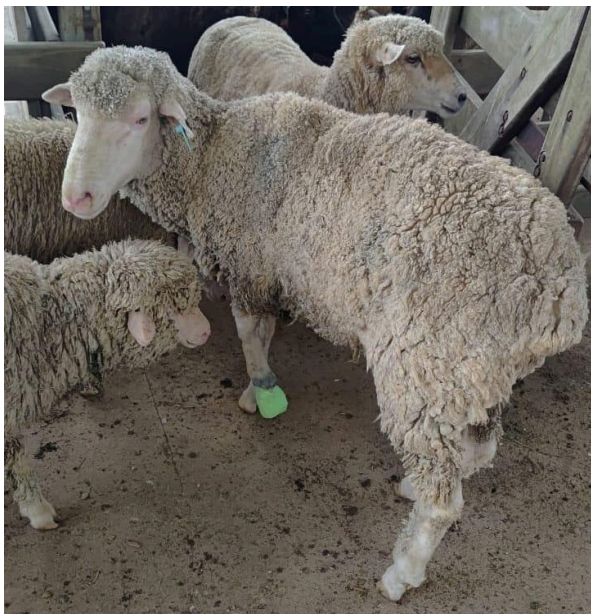
Fonte: PEREIRA, Anaí, 2025, Hospital Veterinário da Faculdade IDEAU, Bagé/RS.

Figura 2: limpeza e curativo da ferida.



Fonte: PEREIRA, Anaí, 2025, Hospital Veterinário da Faculdade IDEAU, Bagé/RS.

Figura 3: animal após curativo e medicação.



Fonte: PEREIRA, Anaí, 2025, Hospital Veterinário da Faculdade IDEAU, Bagé/RS.

Figura 4: animal fazendo pedilúvio.



Fonte: FARIAS, Raiana, 2025, Hospital Veterinário da Faculdade IDEAU, Bagé/RS.

2.3 Resultados e Discussão

Após o tratamento da "Foot hot" com antibióticos, limpeza e higienização dos cascos e monitoramento por 30 dias, a ferida foi cicatrizando lentamente e cessou a claudicação (figura 5), a realização de cultura e antibiograma foi decisiva para a escolha eficaz do antibiótico utilizado.

Figura 5: casco cicatrizado pós tratamento..



Fonte: JARDIM, Dienifer, 2025, Hospital Veterinário da Faculdade IDEAU, Bagé/RS.

Para o controle e erradicação da pododermatite nos rebanhos ovinos devem ser introduzidas medidas de combate aos microorganismos presentes tanto no ambiente como também nos animais portadores inaparentes, pois estes apresentam colônias bacterianas em estado de latência que sob condições favoráveis, desencadearão uma forma virulenta e aguda da enfermidade, com aparecimento dos sinais clínicos e progressão da doença (RODRIGUES et al., 2001).

O controle deve ser baseado principalmente na redução da prevalência de infecções graves em rebanhos afetados utilizando terapia tópica e sistêmica, assim como descarte dos animais tratados sem sucesso. Um controle profilático com medidas ambientais também são muito utilizadas em diversas propriedades, a fim de reduzir a contaminação dos animais. Outra medida recentemente utilizada é a vacinação dos animais da propriedade. Todavia nenhuma destas medidas oferece uma abordagem de longo prazo, de fácil manutenção para o manejo da doença (EGERTON et al, 2002; ABBOTT; LEWIS, 2005; WINTER, 2011).

A contaminação ambiental pode ser reduzida, fazendo a separação adequada ainda na entrada dos novos animais no rebanho, colocando-os em quarentena isoladamente durante o período de vinte dias, período de incubação do *D. nodosus*, para evitar a introdução da infecção. Da mesma forma, o isolamento de animais doentes irá reduzir a carga ambiental para o restante do rebanho, reduzindo a prevalência da enfermidade. Após o período de quarentena e tratamento dos animais enfermos, o local onde os animais ficarão deverá passar por uma desinfecção evitando que um novo lote em quarentena possa se contaminar (GREEN; GEORGE, 2008).

Os animais podem ser vacinados contra pododermatite infecciosa, mas nem sempre as vacinas fornecem a proteção adequada uma vez que as diferenças antigênicas entre as cepas vacinais e estirpes influenciam no desempenho da vacina. Também se verificou que a mistura de diferentes fimbrias de *D. nodosus* em vacinas induzem uma resposta inadequada do hospedeiro aos antígenos individuais, este tem sido referido como competição antigênica (ZHOU; HICKFORD, 2000; KENNAN et al., 2011). Por ocorrer competição antigênica, a pesquisa da vacina é focado no: o desenvolvimento de novas vacinas "universais", usando uma abordagem "vacinologia reversa", em que o seqüenciamento do genoma é usado para identificar potenciais antígenos de *D. nodosus* que não são prejudicados pela concorrência antigênica e pode prevenir a infecção por vários sorogrupos de *D. nodosus* (MYERS et al., 2007), ou o desenvolvimento de vacinas monovalentes que são utilizados estrategicamente em surtos específicos de pododermatite (EGERTON et al. de 2002).

Segundo RAAD SMA; DHUNGYEL (2013), deve ser feito um protocolo de vacinação com vacinas específicas para atingir vários sorogrupos nos rebanhos. Para evitar a competição antigênica, são necessárias rodadas sequenciais de vacinação bivalente, sendo esse processo ideal para erradicação da pododermatite em diferentes partes do mundo, independentemente das condições climáticas ou sazonais.

Figura 5: animal totalmente recuperado.



Fonte: JARDIM, Dienifer, 2025, Hospital Veterinário da Faculdade IDEAU, Bagé/RS.

3- CONCLUSÃO

Conclui-se que a pododermatite ovina é provocada por agentes bacterianos como a *Dichelobacter nodosus* que se infiltra no tecido devido a ação da *Fusobacterium necrophorum* as quais agem sinergicamente provocando a doença nos cascos, na qual é grave e pode causar sérios problemas de locomoção e perdas econômicas para os produtores. É essencial implementar medidas de manejo e controle adequadas, incluindo cuidados com os cascos, para prevenir e tratar essa enfermidade, garantindo o bem-estar do rebanho ovino.

Diante do resultado obtido o tratamento foi eficaz no qual nos auxiliou no aprendizado nos ajudando a entender melhor a patologia do casco e dando experiência prática para nosso estudo.

REFERÊNCIAS

Bennett, G., Hickford, J., & Zhou, H. (2009). Footrot in sheep: A review of current knowledge and future directions. Fonte: ScienceDirect. Revisão abrangente sobre a etiologia, diagnóstico e manejo do foot rot em ovinos, com ênfase em estratégias de controle.

Conington, J., Nicoll, L., & Mitchell, S. (2010). The impact of footrot on sheep welfare and productivity. Animal Welfare, Fonte: UFAW Journal. Estudo que aborda os impactos do foot rot no bem-estar e na produtividade, com recomendações para prevenção.

Dyce, K. M., Sack, W. O., & Wensing, C. J. G. (2010). Textbook of Veterinary Anatomy (4th ed.). Saunders Elsevier. Fonte: Elsevier. Livro de referência que detalha a anatomia do casco de ovinos, incluindo estruturas externas e internas.

Eliane B. L. Pacheco (2014). Pododermatite infecciosa ovina, revisão da literatura, Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para a obtenção do grau de Médica Veterinária, Salvador.

Fonseca, J. F., & Machado, G. P. (2015). Manejo sanitário de ovinos: Doenças podais. Embrapa Pecuária Sudeste. Fonte: www.embrapa.br. Publicação técnica que descreve a anatomia do casco e práticas de manejo para prevenção de doenças.

Green, L. E., & George, T. R. N. (2008). Assessment of current knowledge of footrot in sheep with particular reference to *Dichelobacter nodosus*. Veterinary Record. Fonte: Veterinary Record. Artigo que explora fatores de risco, incluindo a influência da coloração do casco na predisposição ao foot rot.

Neary, M. (2019). Foot rot: Eradication. Country Folks. Fonte: www.countryfolks.com. Discussão sobre a suscetibilidade genética e estratégias de erradicação do foot rot.

Jorge Neto, P. N. (2009). Prevenção e controle de "foot rot" - Parte I. MilkPoint. Publicado em 07/10/2009. Fonte: www.milkpoint.com.br. Artigo técnico que descreve a doença, tratamentos e medidas preventivas, com orientações práticas para criadores.

Turino, V. F. (2006). Pododermatite ou "Foot-Rot" dos Ovinos. MilkPoint. Publicado em 28/08/2006. Fonte: www.milkpoint.com.br. Artigo que aborda a etiologia, tratamento e prevenção do foot rot, com enfoque em manejo.

Veríssimo, C. J. (2009). Curso sobre Controle do Foot rot (Podridão dos cascos). MilkPoint. Publicado em 07/10/2009. Fonte: www.milkpoint.com.br.

Sisson, S., & Grossman, J. D. (2012). Anatomia dos Animais Domésticos (5th ed.) Fonte: Elsevier. Obra clássica que detalha a anatomia comparada, com ênfase no casco de ruminantes.



INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO
EDUCACIONAL DE BAGÉ
FACULDADE IDEAU DE BAGÉ



Zhou, H., Bennett, G., & Hickford, J. G. H. (2010). Molecular epidemiology of footrot in sheep: The role of *Fusobacterium necrophorum*. *Veterinary Microbiology*. Fonte: ScienceDirect. Artigo que detalha a interação entre *Dichelobacter nodosus* e *Fusobacterium necrophorum*.

Whittington R. J., & Marshall, D. J. (2010). Control of footrot in sheep: Current strategies and future prospects. *Australian Veterinary Journal*. Fonte: Wiley Online Library. Estudo sobre controle do foot rot, incluindo vacinação e manejo em raças suscetíveis.

ASHDOWN, R. R.; DONE, S. H. Atlas colorido de anatomia veterinária dos ruminantes. 2ª ed. Editora: Elsevier Mosby. Cap. 7. Pag. 182. 2011.

EGERTON, J.R. Discussion on session 5, on vaccination against ovine footrot. In: STEWART, D.J., PETERSON, J.E., MCKERN, N.M., EMERY, D.L. (Eds.), *Footrot in Ruminants. Proceedings of a Workshop, Melbourne 1985*. CSIRO Division of Animal Health/ Australian Wool Corporation, Glebe, NSW, p. 203. 1986.

EGERTON J.R.; GHIMIRE S.C.; DHUNGYEL O. P., et al. Eradication of virulent footrot from sheep and goats in an endemic area of Nepal and an evaluation of specific vaccination. *Vet Rec.* v.151, p.290–5, 2002.



PREVENÇÃO E TRATAMENTO DA PODODERMATITE, TAMBÉM CONHECIDA COMO “FOOT ROT” EM OVINOS



O QUE É A FOOT ROT?

O foot rot, ou pododermatite infecciosa, é uma doença contagiosa e crônica que afeta ovinos, causando necrose da epiderme interdigital e da matriz do casco, com perda de peso e diminuição da produção. É causada por bactérias como *Fusobacterium necrophorum* e *Dichelobacter nodosus*.

PREVENÇÃO

- **VACINAÇÃO:**

Geralmente envolve a administração de duas doses da vacina, com um intervalo de 21 a 30 dias, antes do período de maior risco de infecção, que é geralmente a época das chuvas. Uma dose de reforço pode ser administrada 6 meses após a segunda dose.

- **PEDILÚVIOS :**

O uso de pedilúvios com soluções desinfetantes (sulfato de zinco, sulfato de cobre ou formalina) pode ser uma barreira para a contaminação e ajuda a controlar a pododermatite.

- **EXAME E CASQUEAMENTO:**

O exame dos cascos deve ser feito pelo menos duas vezes ao ano, com casqueamento periódico para remover tecidos mortos e prevenir a disseminação da doença.

- **MANEJO SANITÁRIO:**

É fundamental manter as instalações limpas e desinfetadas, evitar o excesso de lotação nos estábulos e pastagens, descartar animais que se contaminam com frequência, e comprar animais saudáveis.

TRATAMENTO

Geralmente envolve antimicrobianos, pedilúvios e, em casos mais graves, intervenções cirúrgicas ou amputações.

Antibióticos, como florfenicol, tetraciclina e ceftiofur, são frequentemente utilizados para controlar a infecção bacteriana. Para realizar o pedilúvio, se deve administrar 1 litro de formol (na concentração de 37%) para cada 10 litros de água e 1 Kg de sulfato de zinco para os mesmos 10 litros de água, por 5 minutos na imersão.